

## A MODERNIDADE E O PROGRESSO COMO DISCURSOS: A CIDADE DE POUSO ALEGRE (MG) NAS DÉCADAS DE TRINTA E QUARENTA DO SÉCULO XX

Alexandre Carvalho de Andrade<sup>1</sup>

**Resumo:** Pouso Alegre atualmente é uma cidade média com significativa importância na rede urbana do Sul de Minas, entretanto, em seu processo de urbanização, alguns setores foram evidentemente mais valorizados do que outros, e este é o caso de sua área central, que recebeu diversos benefícios no decorrer da história, em especial na primeira metade do século XX. O objetivo do presente artigo é de evidenciar como o poder público local, aliado a agentes sociais hegemônicos, como a Igreja, o Exército e a elite financeira da época, tinha o interesse pelo “embelezar a cidade”, por meio de discursos progressistas e modernizantes, que se materializaram nos espaços centrais de Pouso Alegre nas décadas de trinta e quarenta. Todavia, apesar desses discursos e ações, o município atravessava um período de certa estagnação econômica e demográfica, e mesmo sendo ainda uma cidade pouco populosa, em seu espaço já se presenciava uma expressiva desigualdade entre as áreas centrais e os bairros periféricos.

**Palavras-chave:** Paisagem urbana; Áreas centrais; Elites; Espaços públicos; Dinâmicas socioespaciais.

**Abstract:** Pouso Alegre is currently an average town with significant importance in the urban network of the Sul de Minas, however, in the process of urbanization, some sectors were clearly more valued than others, and this is the case for the central area, which received various benefits throughout history, especially in the first half of the twentieth century. The purpose of this article is to show how the local government, together with hegemonic social actors, such as the church, the army and the financial elite of the time, had an interest in "beautify the city" through progressive and modernizing speeches which materialized in the central areas of Pouso Alegre in the thirties and forties. However, despite these speeches and actions, the city went through a period of some economic and demographic stagnation, and even still be a bit crowded city, in your space already witnessed a significant gap between the central and peripheral neighborhoods.

**Keywords:** Urban Landscape; Central areas; Elites; Public spaces; Socio-spatial dynamics.

### Introdução

No Brasil, durante a primeira metade do século XX, era expressivo o interesse por parte dos governantes e das elites locais em transmitir uma imagem de modernidade dos lugares, mesmo que, segundo Yázigi (2003, p.63), fosse “preciso por abaixo sinais provincianos, supostamente incompatíveis com a nova imagem que se pretendia no país”, e, neste caso, a substituição do “antigo” pelo novo era

<sup>1</sup> Doutor em Geografia, Organização do Espaço (UNESP/Rio Claro). Professor do IFSULDEMINAS/Poços de Caldas.

concebida como uma ruptura com o passado e a inserção na aclamada modernidade (ABREU, 1998).

Tais discursos e ações, mesmo que em intensidade significativamente menor do que ocorria em São Paulo e no Rio de Janeiro, também influenciaram nas fisionomias das cidades do interior brasileiro, como Pouso Alegre. Ishimura (2008), Sampaio (2009), Vale & Andrade (2011) e Andrade (2014) foram autores que evidenciaram as mudanças que ocorreram em Pouso Alegre, na primeira metade do século XX, no intuito de embelezar a cidade, de acordo com os preceitos de modernidade e desenvolvimento presentes naquela época.

Nesse contexto, agentes sociais, como a Igreja Católica, procuravam, por meio de mecanismos distintos, reafirmar-se como forças hegemônicas, diante das transformações que ocorriam no espaço urbano e no cotidiano dos moradores de Pouso Alegre, o que, por vezes, resultou em conflitos com outros agentes que atuavam na cidade (SAMPAIO, 2009). Entretanto, se a Igreja possuía forte influência no viver urbano de Pouso Alegre nesse período, é fundamental destacar, também, que tais ações frequentemente se davam por meio da interação com a elite financeira, a mídia e o poder público local, que, conforme é evidenciado em notícias dos jornais da época, apresentavam maior interesse pelo discurso do progresso, do que necessariamente criavam mecanismos para que esse objetivo realmente fosse alcançado e, especialmente, difundido para a totalidade de seus moradores.

De acordo com Corrêa (2011, p.63), “a produção do espaço é consequência da ação de agentes sociais concretos, históricos, que são dotados de estratégias e práticas espaciais próprias”, o que resulta em significativos conflitos no uso e ocupação do espaço urbano. Assim, mesmo sendo uma pequena cidade, Pouso Alegre deveria apresentar uma fisionomia mais cosmopolita, em especial em sua área central, onde as praças, as vias e as construções passariam por consideráveis mudanças. Todavia, é de se ressaltar que as melhorias urbanas, além de concentradas espacialmente, consolidavam-se mais pelos discursos públicos e das elites locais, do que necessariamente eram manifestadas pelos hábitos e práticas econômicas de seus moradores, conforme será elucidado no decorrer deste artigo.

### **As transformações socioespaciais no centro de Pouso Alegre**

A figura 1 permite compreender algumas características do espaço urbano de Pouso Alegre, na década de 30.



Figura 1 – Vista aérea da cidade de Pouso Alegre na década de 30. Fonte: Arquivo do Museu Municipal Tuany Toledo.

Os locais destacados na imagem possuem significativa importância nas dinâmicas socioespaciais de Pouso Alegre da época. Em decorrência disso, torna-se necessário elucidar algumas particularidades dessas áreas no período retratado.

O ponto 1 é a Rua Comendador José Garcia, onde na década de 30 havia consideráveis espaços vazios ou com baixa densidade de construções. De acordo com Mello (2011), até a década de 40 essa rua era predominantemente residencial, marcada por casas simples. O comércio, intenso nos dias atuais, ainda era um tanto incipiente na maior parte da referida via.

A estrada rural marcada com “o ponto 2” ligava a cidade de Pouso Alegre com bairros rurais e com as cidades de Estiva e Cambuí. Atualmente constitui uma das principais vias da cidade, por fazer a ligação entre o centro e a rodovia Fernão Dias, todavia, até a década de 60 ela apresentava uma fisionomia eminentemente rural.

A avenida no centro da foto (ponto 3) é a Doutor Lisboa. Pelo fato de interligar a igreja matriz e a estação ferroviária, esta via passa por consideráveis

transformações a partir da década de 30, no intuito de atender aos preceitos de modernidade vigentes no período.

O ponto 4 é a praça João Pinheiro (antigo largo do Rosário), importante área para práticas contemplativas, recreacionais e de encontros sociais desde a sua efetiva implantação, em 1908. Ishimura (2008) elucidou que o local passou por diversas intervenções nas décadas de 30 e 40. Nesse período, a praça recebeu um “dispensário”, que provia tratamento médico às crianças, mas também um parque infantil, tendência recorrente em outras cidades brasileiras.

A linha da estrada de ferro, marcada com o ponto 5, era o limite sul da cidade e representava a principal forma de ligação entre Pouso Alegre e outros centros urbanos regionais e nacional. Nesse período, as áreas lindeiras à linha eram consideradas desvalorizadas para as funções residenciais e comerciais na cidade.

O mercado municipal (ponto 6) está localizado no trajeto entre a igreja matriz e o santuário, no que será denominado, posteriormente, como avenida Duque de Caxias. Com importante função comercial, mas também de encontro social, o mercado e seu entorno passaram por sucessivas transformações em seus usos e formas durante as décadas de 30 e 40.

Atualmente, excetuando a Avenida Prefeito Olavo Gomes de Oliveira (ponto 2 da foto), todo esse contexto espacial é descrito como “área central”, e tal atribuição também é dada pelo Zoneamento Urbano Municipal, contido no Plano Diretor (PMPA, 2008).

A população urbana de Pouso Alegre atingiria, em 1940, 11.582 habitantes (IBGE: Censo Demográfico) e assim, como é possível perceber na imagem (figura 1), havia consideráveis áreas vazias ou com pequena densidade de construções. É importante ressaltar que o setor situado a leste da Avenida Doutor Lisboa, no período retratado, apresentava menor urbanização que o setor oeste, onde estavam localizados o Santuário Coração de Maria, a Praça João Pinheiro, a escola Santa Dorothéa e o Palácio Episcopal. Nesse momento histórico, esse setor da cidade apresentava as construções mais suntuosas e, por consequência, atraía os moradores com maior poder aquisitivo; já no setor leste, estavam instalados os hospitais e o cemitério, foi o local onde a cadeia foi implantada, após o processo de renovação urbana que incidiu sobre a Avenida Doutor Lisboa, na década de 30.

No intuito de promover mudanças paisagísticas e propiciar aos munícipes e visitantes um ambiente mais moderno e aprazível, o prefeito municipal de Pouso Alegre, João Beraldo, em 1931, propôs a reestruturação da Avenida Doutor Lisboa. Para tanto, havia a necessidade da demolição da cadeia pública, vista como uma construção “estranha ao local” pelos órgãos públicos e jornais da época (SAMPAIO, 2009; VALE & ANDRADE, 2011; ANDRADE, 2014). A figura 2 demonstra o prédio da antiga cadeia, no centro de Pouso Alegre.



Figura 2 – Fachada e o largo da antiga cadeia no final da década de 20. Fonte: Arquivo do Museu Municipal Tuany Toledo.

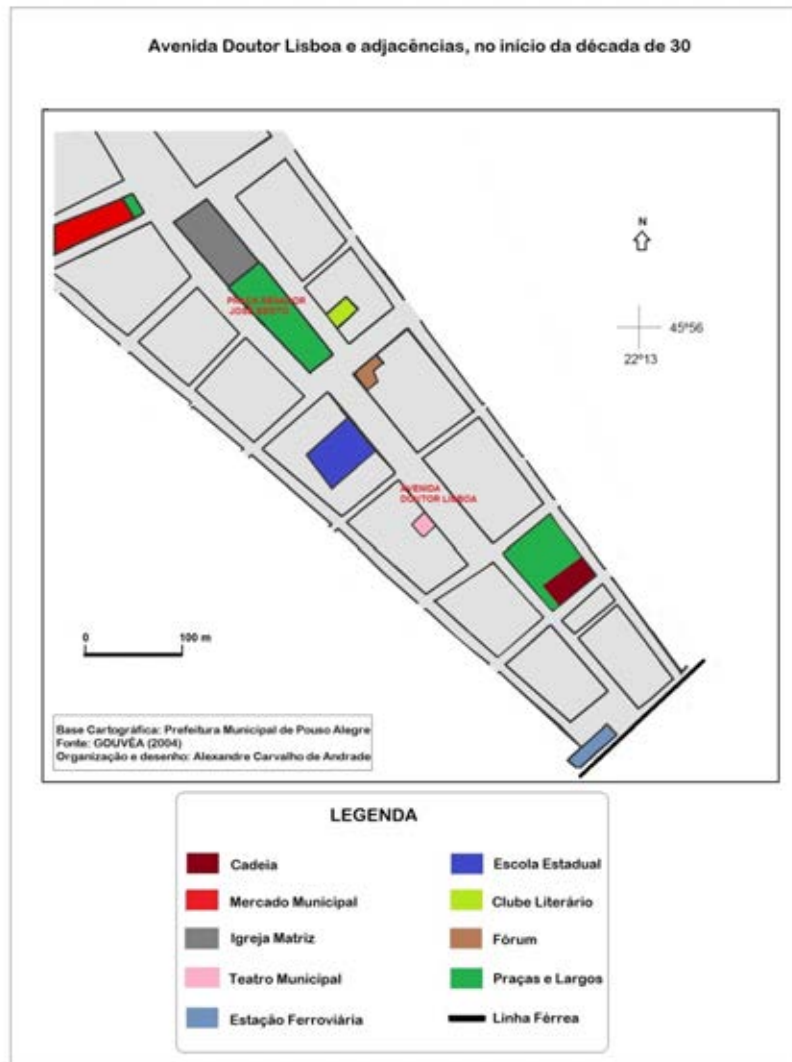
Tomando como base a figura 2, pode-se perceber que o prédio da antiga cadeia pública de Pouso Alegre apresentava evidente influência do estilo colonial luso-brasileiro<sup>2</sup>, o que era reflexo do período de sua construção, na década de 1870. Na sua frente e na lateral havia um espaço ajardinado denominado de “Largo da Cadeia”; observando as edificações do entorno é perceptível a harmonia existente entre a maior parte dessas construções, que apresentava elementos da arquitetura colonial luso-brasileira. Portanto, a princípio esse era um logradouro que apresentava certo interesse paisagístico, tendo em vista a imponência do prédio da cadeia, a existência de uma área ajardinada em seu entorno e a relação destas com

<sup>2</sup> O termo “arquitetura colonial luso-brasileira” é utilizado por Bury (2006), em publicação do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) intitulada “Arquitetura e Arte no Brasil Colonial”.

as construções à sua volta. Entretanto, a função e em especial a localização geográfica favoreceriam a sua demolição.

O trabalho de Vale e Andrade (2011) tem o sugestivo título de “Cadeia pública de Pouso Alegre: uma pedra no caminho do progresso republicano” e nele os autores demonstram como os jornais e os órgãos públicos da cidade exigiam a transferência da cadeia e a remodelação da principal avenida de Pouso Alegre. É importante perceber, através dos discursos propagados pelos agentes hegemônicos da época, que naquele espaço havia dois problemas: a sua função, afinal na cadeia estavam os “marginais” e os “delinquentes” na visão da elite e da mídia do período; e a sua localização, na Avenida Doutor Lisboa, no trajeto entre a estação ferroviária, local de chegada dos viajantes à cidade, e a igreja matriz, ponto de referência em uma cidade com significativa influência da Igreja católica (mapa 1).

Mapa 1 – Avenida Doutor Lisboa, início da década de 30.



Fonte: GOUVÊA (2004), organização e desenho do autor.

Tanto a Igreja quanto o poder público tinham uma imagem negativa do Largo da Cadeia, pois era um local onde algumas pessoas se reuniam para beber e jogar “conversa fora”, e alegavam que isso não era favorável para a imagem da cidade aos que chegassem vindos da estação ferroviária. É interessante mencionar que no largo havia a prática de “jogos de azar”, em especial o jogo “do bicho”, mas que mesmo após a demolição do logradouro a prática continuou a existir na cidade, o que gerou protestos por parte da Igreja e de setores da população local (SAMPAIO, 2009).

Com a demolição da cadeia e do largo, o poder público municipal pode reestruturar a Avenida Doutor Lisboa e torná-la “moderna e atraente”, seguindo, com as devidas proporções, os preceitos desenvolvidos por Haussmann na Paris do

século XIX, e em São Paulo e no Rio de Janeiro do início do século XX. E a importante via passou a ter a concepção de *boulevard*<sup>3</sup>, sendo um espaço de notória valorização financeira no centro de Pouso Alegre, o que foi reforçado pela venda dos terrenos da antiga cadeia, onde, em decorrência das imposições às novas construções, foram adquiridos pelas pessoas com maior poder aquisitivo (SAMPAIO, 2009). No decorrer da década de 30, a Avenida Doutor Lisboa passou por um processo de renovação, que trouxe consideráveis transformações em sua paisagem (figuras 3 e 4).



Figura 3 – Avenida Doutor Lisboa, no início da década de 30. Fonte: Arquivo do Museu Histórico Municipal Tuany Toledo.

<sup>3</sup> Via larga, com cuidados paisagísticos e significativa arborização.





Figura 4 – Avenida Doutor Lisboa, no final da década de 30. Fonte: Arquivo do Museu Histórico Municipal Tuany Toledo.

As figuras 3 e 4 ilustram as transformações paisagísticas que ocorreram na Avenida Doutor Lisboa, durante a década de 30. Se observada a via no início do período, é perceptível a ausência de calçamento e de canteiro central, a calçada mais estreita, além da presença de algumas edificações de arquitetura colonial luso-brasileira, como as localizadas à direita da figura 3. No final da década de 30, a avenida, com calçadas largas, arborização padronizada e canteiro central, ganha fisionomia de *boulevard*, que é favorecida, ainda mais, com a substituição das luminárias, já na década de 40.

O processo de produção do espaço implica o entendimento das relações sociais, políticas, ideológicas, jurídicas e culturais, e envolve um modo de produzir, pensar e sentir (CARLOS, 2011). A área central de Pouso Alegre, em especial a Avenida Doutor Lisboa, reflete o tipo de contexto descrito pela autora, na medida em que múltiplos discursos incidiram sobre este espaço geográfico, sendo que cada agente social, com valores distintos e interesses comuns, interatuou para “clamar” pela demolição da cadeia e a readequação da avenida dentro dos preceitos considerados modernos e aprazíveis para a sociedade da época. Yázigi (2003, p. 91) afirma que a “renovação urbana se pratica sobre a demolição; a nova vida começa pelo edifício e pode se extravasar para o entorno”, fato perceptível no espaço e período analisados.

A imprensa de Pouso Alegre, a partir da década de trinta, utilizava de frases diversas para enaltecer e clamar pelo progresso na cidade, como é o caso desta manchete: “Pouso Alegre, sua beleza, seu progresso, sua administração”, veiculada no jornal local “O Linguarudo”, em 1939 (ANDRADE; VALE, 2013). O título da matéria é um tanto questionável, pois a cidade de Pouso Alegre, naquele momento, possuía, de acordo com o censo de 1940, menos de 12 mil moradores, e estava distante de ser uma localidade eminentemente urbanizada, já que eram poucas as indústrias e considerável parcela da população dependia de práticas econômicas com baixos salários e capacitação profissional, algo recorrente em outras localidades do interior do Brasil na época; quanto à “beleza”, é importante mencionar que alguns logradouros públicos receberam melhorias no decorrer da década de 30, por meio do calçamento de vias, alargamento de calçadas e arborização, porém, através de fotos do período, e principalmente dos relatos de moradores, é perceptível que essas melhorias não foram para todos, mas sim se concentraram nas áreas enobrecidas do centro da cidade. Por sua vez, as administrações públicas, no período das décadas de 30 e 40, focaram em obras de grande visibilidade, como a descrita renovação da Avenida Doutor Lisboa, o calçamento de ruas, a implantação da fonte luminosa da Praça Senador José Bento, a urbanização da Avenida Duque de Caxias, a implantação do parque infantil na Praça João Pinheiro, dentre outras (figuras 5 e 6).



Figura 5 – Avenida Duque de Caxias, área central de Pouso Alegre, que passou por consideráveis transformações em sua fisionomia nas décadas de 30, 40 e 50. Fonte: Arquivo do Museu Histórico Municipal Tuany Toledo.



Figura 6 – Fonte Luminosa da Praça Senador José Bento, na década de 40. Fonte: Arquivo do Museu Histórico Municipal Tuany Toledo.

A Avenida Duque de Caxias interliga o mercado municipal ao Santuário Coração de Maria e, além desses importantes logradouros, conecta-se com outros locais de considerável relevância paisagística, simbólica e sociocultural de Pouso Alegre, a exemplo do palácio episcopal, da escola Santa Dorothéa, da Praça João Pinheiro, dentre outras edificações. Estando no setor mais valorizado na cidade neste período histórico, tal via também recebeu melhoramentos como canteiro central ajardinado, alargamento de calçadas, aterramento de cabos de energia e implantação de luminárias.

Segundo Santos (1997), frequentemente o próprio poder público colabora para o aumento das desigualdades socioespaciais e para a separação entre as pessoas e os equipamentos dentro de uma cidade. Desta forma, segundo o autor, o poder público reproduz uma ação especulativa, mesmo que involuntariamente. No contexto de Pouso Alegre é perceptível que a maior parte destes melhoramentos foi realizada nas áreas mais valorizadas e centrais da cidade, como é o caso da Praça Senador José Bento, onde foi implantada a fonte luminosa.

### **A cidade e o campo, o natural e o construído**

Em termos recreativos, contemplativos e recreacionais, a Praça João Pinheiro se apresentava como um espaço público com tais finalidades. O “Lava Cavalos”, às

margens do rio Mandu, apesar de improvisado por seus usuários, também possuía funções semelhantes (figura 7).

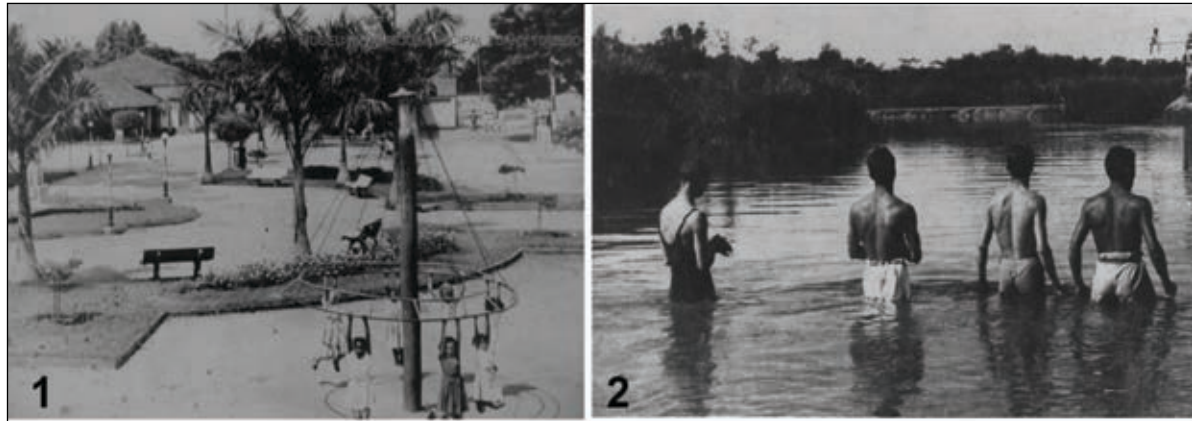


Figura 7 – Espaços para práticas recreativas. 1 – Crianças no parque infantil, localizado na Praça João Pinheiro, no início da década de 40. 2 – O “Lava Cavalos” na década de 30. Fonte: Arquivo do Museu Histórico Municipal Tuany Toledo.

O parque João Pinheiro foi um local que desde a primeira década do século XX passou por sucessivas transformações em suas formas e funções, tendo em vista os padrões de modernização e estética da época (ISHIMURA, 2008). O “Lava Cavalos” era um local onde o rio Mandu tinha um curso meandrante e depositava areia branca às suas margens, no qual, no verão, um considerável número de jovens, das mais diversas classes sociais, divertia-se por meio de práticas desportivas, recreacionais e socioculturais. Esse local constituía uma “praça de esportes improvisada”, pois os próprios usuários zelavam por sua conservação, apesar de pertencer ao Exército, que vez ou outra proibia o acesso à população (GOUVÊA, 2004).

Essa dualidade entre dois locais, um implantado e modificado pelo poder público e outro apropriado e organizado pelos moradores, demonstra o que Lefebvre (1978) classificou como apropriação e dominação da natureza. Enquanto no “Lava-Cavalos” houve um nítido processo de apropriação, e a população utilizava do recurso natural (o rio), sem transformá-lo efetivamente, na Praça João Pinheiro ocorreu um processo típico de dominação da natureza, onde a área sucessivamente foi sendo transformada, visando adequá-la a um espaço padronizado, típico da cidade racional. A dualidade no uso recreativo da natureza, em Pouso Alegre das décadas de 30 e 40, refletia a própria dualidade entre o urbano e o rural que

coexistia em seu espaço municipal e mesmo cidadão. O modo de vida da população de Pouso Alegre norteava-se entre práticas urbanas e rurais e isso refletia nas atividades produtivas, mas também na paisagem e no cotidiano dos moradores e visitantes. As figuras 8 e 9 contribuem para evidenciar tal situação.



Figura 8 – “Árvore Grande”, em 1939. Fonte: Arquivo do Museu Histórico Municipal Tuany Toledo.



Figura 9 – Carro de boi, no centro de Pouso Alegre, em meados da década de 30. Fonte: Museu de Fotografia do Guia Pouso Alegre.

As figuras 8 e 9 mostram situações distintas que coexistiam no cenário municipal. No contexto da Árvore Grande, nota-se a presença de diversos veículos automotores e um grupo de pessoas assentadas sob a copa de uma árvore da espécie Óleo de Copaíba; trata-se de um grupo de franceses, ciceroneados por moradores de Pouso Alegre. A figura 9, por sua vez, demonstra o uso de “carros de bois” na área central da cidade.

Como referido anteriormente, a década de 30 foi de considerável transformação da paisagem e das funções de alguns de seus logradouros, mas, apesar disso, ainda estava presente o transporte por tração animal no centro da cidade, nas proximidades da Praça Senador José Bento, o “coração” do progresso local. Porém, no mesmo período histórico, uma imponente copaíba, localizada a mais de seis quilômetros da cidade, em um ambiente eminentemente rural, atraía a população abastada, fato ilustrado pela quantidade de veículos e pela presença de um grupo de estrangeiros.

Willians (2011) afirma que na medida em que a sociedade foi se urbanizando, a natureza e o rural passaram, gradativamente, a serem vistos como bucólicos e saudáveis para as práticas contemplativas e recreacionais. E isto fica evidente quando é analisada a figura 8, em que a sombra de uma frondosa árvore, na zona rural de uma pequena cidade, é apropriada para o descanso e o convívio social. Em contrapartida, no centro de Pouso Alegre, que era descrito pela mídia local como “progressista e belo”, havia a utilização de veículos de tração animal, que serviam para trasladar produtos agropecuários dos espaços rurais para a cidade, mas também para o transporte de mercadorias em trajetos intraurbanos (GREGÓRIO, 2012).

Le Goff (1998) descreveu que no século XIX houve um processo de “desruralização” dos espaços e dos modos de vida das cidades europeias. Todavia, no caso brasileiro, é importante ilustrar que, em 1940, a população urbana somava 12,8 milhões de pessoas, o que correspondia a 31% do total de moradores (BAENINGER, 2003), sendo, portanto, o Brasil, em sua maior parte, ainda eminentemente rural e de economia agrária.

No ano de 1940, de acordo com Ferrer et al (2012), havia em Pouso Alegre 60 automóveis, 45 caminhões, 810 veículos de tração animal e 30 de tração pessoal. As atividades econômicas predominantes eram estruturadas em 3.600

estabelecimentos rurais, e 80 indústrias, que produziam banha, laticínios, cola química, aguardente e polvilho, além de estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços.

O município de Pouso Alegre possuía 19.752 habitantes, sendo sua população urbana de 11.582, e a rural de 8.170 (IBGE: Censo Demográfico, 1940). Portanto, se for levado em conta que considerável parcela da população de Pouso Alegre residia, em 1940, no espaço rural, e que as suas principais indústrias estavam, com exceção da fabricação de colas químicas, inter-relacionadas com a produção agropecuária local e regional, é compreensível a presença da ruralidade no município, o que se reflete em seu espaço urbano, mesmo que a área central tenha sido modificada de acordo com os interesses das elites da época.

### **Os atores sociais e a hierarquia nos usos dos espaços públicos da cidade**

Em Pouso Alegre, durante as décadas de 30 e 40, a modernidade advinda da urbanização estava mais presente nos discursos dos gestores públicos e da mídia local do que propriamente fazia parte da paisagem e do cotidiano dos seus moradores. É pertinente mencionar, também, o eminente papel da Igreja Católica na organização do espaço e mesmo nas atividades de seus moradores, o que foi evidenciado por Sampaio (2009), e pode ser ilustrado a partir dos exemplos a seguir.

Em meados da década de 30, o Clube Literário e Recreativo de Pouso Alegre era o espaço frequentado pela elite local (médicos, comerciantes, militares, grandes produtores rurais etc). Nesse período, as populações de menores rendimentos financeiros recorriam ao Clube 28 de Setembro. Os bailes promovidos pelo “Literário” atraíam os católicos que frequentavam as missas, e isto gerou recorrentes protestos por parte da Igreja, em especial através do jornal “Semana Religiosa”, mantido pela instituição para difundir os ensinamentos cristãos e divulgar os eventos realizados pela Diocese, mas que também servia para criticar os frequentadores dos bailes, vistos como promíscuos e imorais. Nesta busca pela moral, a Igreja criticou também a presença dos militares, outro grupo com notável influência na sociedade pousoalegrense da época, por estes criarem um bloco para desfilar no carnaval de 1939 (SAMPAIO, 2009).

Também na década de 30, uma tradicional loja da cidade decidiu instalar um alto-falante na esquina da Rua Comendador José Garcia com a Praça Senador José

Bento, isto é, no centro da cidade, em frente à igreja matriz. Refletindo a modernidade advinda do mercado fonográfico, o equipamento sonoro transmitia programas humorísticos, músicas e anúncios publicitários. Temendo a perda de sua influência, em um espaço notoriamente dominado pela Igreja desde a fundação da povoação, por intermédio do jornal “Semana Religiosa” foram realizados diversos protestos por parte da instituição religiosa, porque o alto-falante atraía muitas pessoas e o som prejudicava as missas (SAMPAIO, 2009). O método escolhido pela Igreja Católica, primeiramente, foi comprar horários do “alto-falante” para difundir a sua programação, e posteriormente, juntamente com os militares, fundar a primeira rádio de Pouso Alegre, que inicialmente propagava a defesa e os ensinamentos da fé católica, e depois também passou a apoiar o governo de Getúlio Vargas (presidente da república) e de Benedito Valadares (governador estadual).

A relação entre o poder público local e os governos estadual e federal apresentou considerável fortalecimento no final da década de trinta, o que motivou a troca do nome da principal avenida da cidade, de Doutor Lisboa para Governador Valadares, e a implantação da Praça Getúlio Vargas, localizada atrás da igreja matriz, em comemoração ao primeiro aniversário do Estado Novo (Jornal “O Município”, 1938). Dez anos depois, a avenida volta a ter a denominação original, e a praça passa a ser denominada como Doutor Coutinho (Jornal “A Cidade”, 1948).

Na passagem da década de 30 para a de 40, a Igreja e o poder público utilizam constantemente da figura de Getúlio Vargas como símbolo de seus domínios comuns, no sentido de dominar e controlar a população. O jornal “Semana Religiosa” frequentemente elogiava as celebrações cívicas do poder público, e ambos lutavam contra a “ameaça comunista”. Como o município recebia certos investimentos industriais, em especial da Reynard, empresa que produzia colas e resinas, e como isto fortalecia os interesses desenvolvimentistas da administração pública, a Igreja passou a se interagir com os órgãos oficiais nas diretrizes da “União Operária”, onde se procurava diferenciar o “cristo operário” dos “sanguinários comunistas”, enfatizando que a igualdade propagada por Cristo e pela Igreja era resultado da fé e da união. Nesse contexto, Igreja, militares, políticos e empresários locais desenvolveram estratégias que almejavam controlar a população, e evitar focos de descontentamentos que pudessem abalar a estrutura social local da época (SAMPAIO, 2009).



Bachelard (1998) elucida a casa como origem da vida humana, como local de proteção e de sonhos. O autor ilustra, a partir de várias evidências, relacionadas com os ambientes de uma casa, como o lar é um espaço de intimidade e que transmite “bem-estar”. Pois bem, na cidade de Pouso Alegre, em meados da década de 30, a Igreja, juntamente com o poder público, alguns militares, e com o apoio de membros da elite financeira da cidade, construiu a Vila Dom Nery, composta por 26 residências. As casas, fundamentais para a vida cotidiana, foram ocupadas por famílias pobres, todavia os seus moradores tinham como obrigação rezar todos os dias pelo doador do imóvel (GOUVÊA, 2004; SAMPAIO, 2009).

No decorrer das primeiras décadas do século XX, a Igreja Católica, motivada por Pouso Alegre ser sede da Diocese, implantou diversas edificações suntuosas no espaço urbano local. Situadas em espaços estratégicos do centro da cidade, em especial a oeste da Praça Senador José Bento e da Avenida Doutor Lisboa, estas edificações, projetadas por arquitetos de origem europeia, apresentavam considerável relevância na paisagem urbana, mas também constituíam evidentes símbolos de poder. Com a implantação de um batalhão do Exército, que também se apropriou de uma área situada a oeste do centro, e antes pertencente a Igreja, ficou clara a presença destas duas instituições na partilha do espaço urbano até a década de 40.

O poder público, atuando através da coalizão com as forças eminentes na cidade, ou seja, os religiosos, os militares e a elite financeira, promoveu a modernização dos espaços públicos de Pouso Alegre, de forma que esse grupos fossem necessariamente beneficiados, inclusive pela apropriação desses locais em cerimônias (figura 10).



Figura 10 – Celebração de cunho religioso na Avenida Doutor Lisboa, centro de Pouso Alegre, no ano de 1940. Fonte: Arquivo do Museu Histórico Municipal Tuany Toledo.

Na figura 10, pode-se perceber a Avenida Doutor Lisboa, espaço valorizado pelas ações do poder público, e o desfile de membros da Igreja, instituição com considerável influência na sociedade e na paisagem local da época. Esta situação, de acordo com Carlos (1994, p. 68), evidencia que:

A cidade, enquanto produto histórico e social, tem relações com a sociedade em seu conjunto, com seus elementos constitutivos e com sua história. Portanto, ela vai se transformando à medida que a sociedade como um todo se modifica.

Pouso Alegre apresentou alguma modernização e melhorias infraestruturais no decorrer das décadas de 30 e 40. Calçamento de ruas, existência de linhas de ônibus intermunicipais, voos semanais em direção às capitais, a diversificação e expansão do comércio, os cinemas, o parque infantil, e mesmo as transformações paisagísticas, constituíram certos ganhos para os moradores, assim como aos visitantes. Porém, são evidentes as práticas de coerção social, onde as normas e a organização socioespacial são construídas através da interação entre seus principais agentes sociais (religiosos, militares, políticos e empresários), resultando, assim, em um espaço notoriamente desigual, e marcado por relações de poder.

No mês de outubro do ano de 1948, o município de Pouso Alegre celebrou o centenário de sua emancipação política. Para tanto, foram realizadas diversas comemorações para a data e, por meio das notícias veiculadas em jornais locais

(edições da “Semana Religiosa” e de “A Cidade”), pode se perceber a influência das instituições religiosas, militares e políticas na sociedade pousoalegrense da época, a saber:

- O primeiro dia dos eventos comemorativos foi denominado como “dia da religião”, e contou com missa campal, onde havia locais “especiais” para as autoridades;
- O segundo foi chamado de “dia dos pobres”, com ações assistenciais promovidas pelos “benfeitores” (termo usado pelo jornal “Semana Religiosa”);
- Na data específica do centenário (19/10), as lideranças políticas, que incluíram o prefeito e o governador do Estado de Minas Gerais, inauguraram o obelisco do centenário (figura 11);
- O quarto dia teve apresentação da banda de música local, e foi marcado pela despedida do governador;
- No quinto dia houve o denominado “dia da instrução”, que contou com as escolas religiosas e com o “Oitavo Regimento de Artilharia Montada do Exército”;
- O sexto dia foi do “Oitavo Regimento de Artilharia Montada do Exército”, com competições esportivas, shows e baile de gala.

Completaram os eventos, o dia dos “trabalhadores” e o dia da “aviação”, neste último caso motivado pela recente implantação de linhas aéreas regulares interligando Pouso Alegre com outras cidades.

Percebe-se, portanto, dentre a programação das comemorações do centenário de Pouso Alegre, a importância dos religiosos e dos militares, sejam em atividades específicas destes grupos, como a missa católica, ou mesmo por intermédio de suas instituições de instrução. Tal situação é consequência das significativas influências destes agentes na sociedade local da época.



Figura 11 – O obelisco do centenário, na área central de Pouso Alegre, no final da década de 40. Fonte: Acervo do autor.

O obelisco do centenário foi implantado em frente ao mercado municipal de Pouso Alegre, que por sua vez estava localizado no trajeto entre a igreja matriz e o santuário Coração de Maria. Na parte superior da imagem é possível perceber o colégio Santa Dorothea e a capela anexa. O entorno do mercado constituiu, nas primeiras décadas do século XX, a principal região comercial da cidade, e a partir da década de 40 passou a sofrer com a concorrência da Avenida Doutor Lisboa, que atraía consumidores com melhor poder aquisitivo, para lojas modernas, com produtos diversificados expostos em vistosas vitrines. Devido às suas precárias condições de conservação, o mercado municipal e os espaços de seu entorno, ocupados por comerciantes informais, foram criticados pela mídia e por setores da população e da política local. Estas críticas, nitidamente elitistas e higienistas, pressionaram o poder público, que promoveu melhorias paisagísticas na área, medida esta que atraiu moradores de altos rendimentos para residir nas proximidades do mercado municipal (ANDRADE; VALE, 2013).

### **A organização espacial e as relações entre o centro e os subúrbios**

Por influência dos principais atores sociais que interagem no espaço municipal de Pouso Alegre, o setor oeste da cidade, durante a primeira metade do século XX, constituía, além do centro, a área de maior valorização mercantil e de

*status* social. Para leste da Avenida Doutor Lisboa se localizava as instituições como o hospital regional, o cemitério e a cadeia, com menor atratividade devido as suas funções. Beraldo e Reis (2012), baseando-se da narrativa de Dirce Carvalho, antiga moradora da Rua João Basílio, mostram que a referida via antes era denominada “Rua do Brejo”, pois esta não tinha calçamento e quando chovia virava um “brejo só”. Este relato demonstra a situação de um espaço público situado a duas quadras a leste da Avenida Doutor Lisboa, nas décadas de 30 e 40, e evidencia como este setor da cidade foi notoriamente depreciado na cidade de Pouso Alegre de então.

Mesmo com um reduzido contingente populacional em sua área urbana, em Pouso Alegre já começava a se formar, no período estudado, bairros eminentemente suburbanos, como são os casos do São Geraldo, Santo Antônio, Tijuca e São João. Nos três primeiros casos, há uma proximidade espacial com a região central, sendo estes locais considerados periféricos por suas questões socioeconômicas e de *status* sociais; já o São João se localiza a cerca de seis quilômetros da área central da cidade, no extremo oeste da área urbana.

As narrativas orais presentes na obra “Memória do povo: vozes do século XX”, de Beraldo e Reis (2012), contribuem para as descrições destes locais nas décadas de 30, 40 e 50.

Em 1943, as ruas do bairro [São Geraldo] eram de terra, as casas eram dentro da rua. E essas ruas eram bem estreitinhas. Naquela época podia contar as casas. Para ir para escola, tinha que passar debaixo da ponte, mas o rio não era ali ainda. A gente encontrava vaca brava. Aí a gente tinha que correr e esconder dentro das manilhas. E quantas vezes a vaca bufou na manilha tentando pegar a gente. Passamos muita dificuldade para estudar. Quando chovia fazia aquele barro. [Depoimento de Maria das Dores Costa, conhecida como Santa (BERALDO; REIS, 2012, p. 47)]

Aqui [bairro São João] era pequenininho, não tinha nada aqui. Era dali daquele campinho para baixo só. Era poucas famílias que tinha. Tinha uma vendinha só aqui no São João e, por isso, ficou por nome de Vendinha. Ali, no começo do bairro, era uma plantação de eucalipto e foi o começo do bairro. No começo, aqui era só um trilhinho para o povo passar. Não tinha água e a luz era da prefeitura, não era da Cemig. Os moradores tinham cisterna. Eu fui dos primeiros a morar aqui e comecei com um bar. [...] Antigamente aqui tinha a família dos Barrero, dos Marquete, tinha o Zé Luiz que era sargento do quartel, tinha a Dona Rosa também. Aqui tinha um sanatório. Ficava ali perto do Jardim Amazonas, na entrada do bairro. Internava bastante gente ali que tinha cabeça fraca. [...] Aqui não tinha supermercado, nem calçamento. [...] Antes era pura terra,

puro brejo e nem carro subia aqui. [Depoimento de José Gonçalves de Assis, conhecido como Seu Zezito (BERALDO; REIS, 2012, p. 15-16)]

No final da Avenida São Francisco [denominação atual, no período uma estradinha rural] havia um tanque com água que ia até o joelho. As lavadeiras do Alto das Cruzes [atual bairro do Santo Antônio] vinham lavar roupa ali com sabão de cinza e levavam para casa para enxugar. [Depoimento de Alexandre de Araújo (BERALDO; REIS, 2012, p. 36)]

Meus pais ganharam este terreno dos meus avós. De lá [outro bairro da cidade] viemos para cá, eu e meus quatro irmãos, quando eu tinha sete anos (1941). [...] O bairro [Tijuca] era poucas casas. Desta esquina para lá tudo era pasto. A única casa que tinha aqui era dos meus avós. Depois meus pais construíram aqui neste terreno. Era uma coisa feita de adobe e depois é que foi melhorando. [Depoimento de Terezinha Cobra Batista (BERALDO; REIS, 2012, p. 133)]

É necessário salientar, com base nas narrativas de antigos moradores destes bairros de Pouso Alegre, e na concepção de Alves (2011), as diferenças e similaridades entre periferias e subúrbios. De acordo com a autora, a expansão da metrópole paulistana, desde os anos quarenta do século XX, ocorreu por meio de loteamentos que eram interligados com os locais de trabalho. “É nesse momento que se começa a falar em periferias e não mais em subúrbios, até então associados a áreas de transição entre o campo e a cidade e que, em geral, se localizavam nas proximidades de uma estação ferroviária” (ALVES, 2011, p.111). É de se ressaltar que, mesmo se tratando de contextos contemporâneos, as dinâmicas demográficas, econômicas e socioespaciais entre São Paulo e Pouso Alegre diferiam (e diferem) em significativas proporções. Apesar disso, ficam evidentes, pelas narrativas dos antigos moradores dos referidos bairros, as características suburbanas dos locais descritos naquele período histórico, pois mesclam aspectos tipicamente rurais em um espaço que começava a se urbanizar.

Nas quatro narrativas algumas características se evidenciaram como comuns, mesmo se tratando de distintos bairros e percepções do meio. Em todos os locais eram poucas as residências, sendo recorrentes as descrições de cenários rurais, elucidados por vacas, pastos, plantações de eucalipto, e se percebe que havia baixa densidade de construções em todos eles. Também fica evidente a falta de infraestrutura, narrada de distintas formas por meio da ausência de calçamento das

vias, de abastecimento de água, a precariedade da organização do sistema viário, e mesmo pela pequena quantidade de estabelecimentos comerciais.

Com exceção do bairro São João, os demais se localizavam (e se localizam) próximos à área central, porém em um ambiente físico que pode ter contribuído para torná-los menos valorizados financeiramente e mesmo socialmente, como são os casos dos bairros São Geraldo (figura 12) devido às inundações do rio Mandu, e da Tijuca e do Santo Antônio em decorrência da significativa declividade.



Figura 12 – Várzeas inundadas do rio Mandu no bairro São Geraldo, em 1950. Fonte: Arquivo do Museu Municipal Tuany Toledo.

O São Geraldo estava “separado” do centro da cidade por dois “obstáculos” físicos e simbólicos: a linha da estrada de ferro e o rio Mandu, sendo que o bairro se adensou em suas várzeas, onde não raro ocorriam enchentes (figura 12), que gradativamente foram se tornando mais recorrentes, devido a maior impermeabilização do solo, a precariedade da rede de águas pluviais, e pelas alterações no leito do rio. E, apesar de algumas obras públicas para a redução das inundações, na atualidade o São Geraldo é considerado o bairro de maior precariedade socioambiental na cidade de Pouso Alegre (ANDRADE, 2014).

Em um período onde os deslocamentos eram eminentemente dificultados pela pequena disposição de veículos automotores, em especial para as populações de menor rendimento, as áreas íngremes apresentavam consideráveis restrições na mobilidade intraurbana, e isto pode ter sido determinante para a desvalorização dos

bairros da Tijuca e do Santo Antônio, mesmo estando localizados próximos da área central de Pouso Alegre.

Portanto, nesse período histórico, os referidos bairros podem ser descritos tanto como suburbanos quanto como periféricos, pois ao mesmo tempo em que era nítida a mescla entre elementos urbanos e rurais, havia considerável depreciação destes locais pelas elites e a mídia local da época. Isto evidencia que os discursos e as ações de modernidade e de progresso, propagados pelos agentes sociais hegemônicos de Pouso Alegre, não se estendiam a totalidade dos moradores, e tampouco contemplaram todo o espaço urbano local.

### **Considerações finais**

De acordo com Le Goff (1998) e Raymond Willians (2011) acerca da situação europeia e com Yázigi (2003) sobre as cidades brasileiras, há uma lógica que permeou os processos de implantação e crescimento dos centros urbanos, onde a elite se apodera dos melhores locais, utiliza de seus mecanismos de imposição de poder (simbólicos e/ou físicos) e molda fisionomicamente a cidade, ou parte dela, tendo como parâmetros os seus valores. Como demonstrado no presente artigo, no período que abrange as décadas de trinta e quarenta do século XX, a cidade de Pouso Alegre passou por expressivas modificações socioespaciais, em especial para a valorização e embelezamento da área central, mas, entretanto, o município se encontrava em uma condição de estagnação econômica e populacional.

Apesar dos discursos enaltecidos do progresso de Pouso Alegre na mídia local, a economia municipal era pouco diversificada e produtiva, e, com isso, a cidade não absorveu os contingentes populacionais de seu espaço rural e das áreas vizinhas (ANDRADE, 2014). Na década de quarenta, a população residente no espaço rural municipal sofreu pequeno decréscimo, e o crescimento urbano também foi pouco representativo, pois, enquanto a cidade de Pouso Alegre apresentou acréscimo de 8% em seu contingente populacional (IBGE: Censo Demográfico, 1940), o crescimento urbano no Brasil foi de 45,8%, sendo este índice ainda mais elevado nas metrópoles, como São Paulo e Rio de Janeiro (BAENINGER, 1998).

As narrativas orais, selecionadas por Beraldo e Reis (2012), demonstraram que na cidade de Pouso Alegre, durante as décadas de 30 e 40, o emigrar para São Paulo, e em menor escala para o Rio de Janeiro e Belo Horizonte, fazia parte do



imaginário da população local, que considerava estas metrópoles como atrativas para a realização de suas mais distintas aspirações.

Na segunda metade do século XX, com a implantação, e posterior duplicação da rodovia Fernão Dias, o desenvolvimento econômico, e a consolidação de Pouso Alegre como uma “capital regional”, a situação se alterou, e o município passou a atrair significativas afluições de migrantes, o que resultou em um rápido crescimento populacional, na expansão urbana e, por consequência, na consolidação de novas dinâmicas socioespaciais (ANDRADE, 2014).

Tal como ocorre em outras cidades médias brasileiras, o centro constitui um espaço valorizado para as atividades econômicas e socioculturais, mesmo que atualmente outras centralidades passem a concorrer em termos de atratividades para as funções de consumo e entretenimento, como é o caso do *shopping center* Serra Sul; e situação parecida ocorre com as funções de moradia, em que bairros eminentemente residenciais, que incluem os condomínios fechados, passam a atrair os moradores de maior rendimento que anteriormente optavam majoritariamente em residir na área central. Estas situações contribuem para a maior fragmentação do espaço urbano de Pouso Alegre, o que resulta em maiores desigualdades entre as áreas de maior ou menor valorização mercantil e de *status* social.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Maurício Almeida de. Sobre a memória das cidades. *Revista da Faculdade de Letras-Geografia*, Porto, v. 14, p. 77-97, 1998.

ALVES, Glória da Anunciação. A mobilidade/imobilidade na produção do espaço metropolitano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 109-122.

ANDRADE, Alexandre Carvalho de. *Pouso Alegre (MG): expansão urbana e as dinâmicas socioespaciais em uma cidade média*. Tese (Doutorado em Geografia) – UNESP, Rio Claro, 2014.

ANDRADE, Ana Eugênia Nunes de; VALE, Fernando Henrique do. *Mercado Municipal de Pouso Alegre: o cotidiano na cidade*. Campinas: Pontes, 2013.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BAENINGER, Rosana. A Nova Configuração Urbana no Brasil: desaceleração metropolitana e redistribuição da população. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 11. *Anais...* Belo Horizonte: ABEP, 1998, p.1-44.

\_\_\_\_\_. Redistribuição espacial da população e urbanização: mudanças e tendências recentes. In: BRANDÃO, Carlos Antônio; GONÇALVES, Maria Flora; GALVÃO, Antônio Carlos (org.). *Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional*. São Paulo: Edunesp/Anpur, 2003. p. 271-288.

BERALDO, Ana; REIS, Eunice. *Memória do povo: vozes do século XX*. São Paulo: Anauá, 2012.

BURY, John. *Arquitetura e arte no Brasil colonial*. Brasília: IPHAN, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 1994.

\_\_\_\_\_. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 53-72.

CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 41-51.

FERRER, Suely et al. *Histórias de Pouso Alegre*. Pouso Alegre: Museu Histórico Municipal Tuany Toledo, 2012.

GOUVÊA, Otávio Miranda. *A história de Pouso Alegre*. Pouso Alegre: Gráfica Amaral, 2004.

GREGÓRIO, Juliano de Mello. *Histórias e memórias dos carreiros em Pouso Alegre*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – UNIVÁS, Pouso Alegre, 2012.

ISHIMURA, Juliano Hiroshi Ikeda. *A praça João Pinheiro: cidade, memórias e viver urbano*. Pouso Alegre – 1941 – 1969. Dissertação (Mestrado em História Social) – PUC/SP, São Paulo, 2008.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. São Paulo: Fundunesp, 1998.

LEFEBVRE, Henri. *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Península, 1978.

MELLO, Alessandra Mara Rosa de. *Ecos marcados na rua: o cotidiano e as memórias na Rua Comendador José Garcia – Pouso Alegre/MG*. Jundiá: Paco Editorial, 2011.

SAMPAIO, Carlos Leonardo Teixeira. *A igreja católica e a transformação no espaço e no viver urbano de Pouso Alegre (1936-1945)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – PUC/SP, São Paulo, 2009.

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1997.

VALE, Fernando Henrique do; ANDRADE, Ana Eugênia Nunes de. Cadeia pública de Pouso Alegre: uma pedra no caminho do progresso republicano. In: SIMPÓSIO DE ESPAÇO, SOCIABILIDADE E ENSINO, 1, Pouso Alegre, 2011. *Anais...* Pouso Alegre: Univás, 2011, p. 90-99.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na História e na Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

YÁZIGI, Eduardo. *Civilização urbana, planejamento e turismo*. São Paulo: Contexto, 2003.

Artigo recebido em 18 de agosto de 2015. Aprovado em 11 de dezembro de 2015.